

## PRIMEIROS ARTIGOS DE LOBATO

Edgard Cavalheiro

Prefácio da obra *Literária do Minarete*.  
São Paulo, Brasiliense, s. d., p. 9-20  
(Obras Completas de Monteiro  
Lobato. 1. série: Literatura  
Geral, v. 7)

Corre a lenda — endossada pelo próprio Monteiro Lobato, em mais de uma entrevista — de que a divulgação do artigo “Uma Velha Praga”, pelas colunas de *O Estado de S. Paulo*, fora da seção de queixas e reclamações para a qual fora endereçada a violenta diatribe contra os queimadores de matos, estimulou o fazendeiro a reincidir, e que reincidindo se transformara, sem querer, nisso que os noticiários gravemente chamam “um homem de letras”.

A lenda é muito bonita, mas outra é a realidade: em novembro de 1914 Monteiro Lobato era escritor feito, embora praticamente inédito, pois quase tudo quanto tinha produzido até então fora divulgado com pseudônimos. Os mais estranhos e variados pseudônimos.

Tantos, que o escritor jamais pode lembrar-se de todos. Tais pseudônimos não eram filhos da vaidade e sim de uma grande vergonha de aparecer em público com a cara natural. Não ignorava que a psicologia dos pseudônimos tem alicerces na vaidade humana, pois quem escolhe nome falso não visa esconder-se atrás dele, e sim tornar-se conhecido sob apelido mais sonoro e mais simpático que o de batismo. Não era, porém, o caso de Monteiro Lobato. Nele só havia mesmo a intenção de esconder o autor envergonhado. Tanto assim, que uma das suas manias era furtar pseudônimos dos outros, ou inventá-los parecidíssimos, como, por exemplo, Matinho Dias, em contraposição a Martinho Dias. Pode-se, pois,

afirmar que a característica primordial de toda a literatura lobatiana até a publicação de *Urupês*, foi a mais absoluta abstração do leitor. Numa entrevista concedida a Silveira Peixoto, Lobato esclarece que o seu primeiro artigo publicado com o próprio nome, "Uma Visita a Guiomar Novais", apareceu no *Correio Paulistano*, em 1913. A verdade, no entanto, é outra. Quando estudante de Direito, assinara uma conferência "Outrora e Hoje", um artigo "A Força das Idéias", e o conto, "Gens Ennuyeux", todos publicados em jornais da Faculdade de Direito, entre 1900 e 1904. Essas colaborações foram divulgadas, é certo, em jornais estudantis, de repercussão restrita. Mas quando em Areias, entre 1906 e 1911, colabora assiduamente em *A Tribuna*, de Santos, tendo nesse jornal estampado não só o conto "Boca-torta", como alguns artigos sobre a atualidade política, como "Hermismo", "Azoteida" e outros. E no próprio *O Estado de S. Paulo*, publica em 1913, o artigo "Entre duas Crises". Não era, pois, o articulista de "Uma Velha Praga", nenhum indeciso estreante que despertara para as letras somente em 1914, aos trinta e dois anos de idade.

Longe, muito longe, de um "curioso" reclamante que a direção de *O Estado de S. Paulo* transforma, *malgré lui*, em escritor. Monteiro Lobato era, inquestionavelmente, um homem de letras. Viera muito cedo para a literatura. Aos 14 anos de idade publicara, sob o pseudônimo de *Josbém*, a primeira crônica, em *O Guarani*, órgão estudantil do "Colégio Paulista", de Taubaté, onde fazia os preparatórios. E nesse mesmo jornalzinho redigira a seção "Resenha da Semana". Aos dezessete anos, além de colaborar em *O Patriota* de Laudelino Barbosa e em *A Pátria* de Albino Camargo, redige inteirinho o seu próprio jornal, com o estranho e cabalístico nome de *H20*. Num velho álbum de recortes, embora sem indicação bibliográfica, está reunida parte dessa produção, salva de total esquecimento. "Poemas da Juventude", "Tilcara", "E Amanhã?", "Guaxará", "O Teu Retrato", "A Jovem e o Batráquio", "Júlio" são os títulos dessas fantasias recedentes às primeiras leituras do adolescente: José de Alencar, Coelho Neto, Herculano, Catulle Mendes e Daudet, uma mistura de nomes e estilos, a cuja influência não pode fugir. Joaquim Manuel de Macedo, particularmente, é quem mais forte influência exerce sobre o jovem estudante do "Instituto Ciências e Letras". Do internato, onde conclui os preparatórios, José Bento Monteiro Lobato passa, a seguir, para a Faculdade de Direito, onde irá encontrar ambiente ainda mais propício para a completa eclosão de sua inocultável vocação para as letras. Mal as aulas têm início, funda, com outros colegas, a *Arcádia Acadêmica*, em cujo primeiro número publica uma dissertação feita em sessão do grêmio. E apenas surge *O Onze de Agosto*, seu crítico teatral, brilhando entre os colegas, como entendido em bel canto e ribalta.

Nestas alturas trava conhecimento com Ricardo Gonçalves, Godofredo Rangel, Lino Moreira, Tito Lívio Brasil, Cândido Negreiros e outros. E fundam

então "O Cenáculo". E nas reuniões que realizam sonham grandes revistas e obras-primas de abalar os literatos do País. Vivem, durante o lustro acadêmico, uma intensa e fecunda atividade intelectual. Reúnem-se, a princípio, no Café Guarani, e mais tarde num chalé localizado na Rua 21 de Abril, fronteiro à Cesário Alvim. A rua era sem calçamento, e o chalé, pintado de amarelo, ficava no centro de um terreno de chácara. Uns cinqüenta metros de frente, cerca viva com o clássico portão de ferro ao centro. Laranjeiras, ameixeiras, um pé de romã, o coqueiro ao lado, a horta e uma grande paineira à esquerda, que logo ficaria sendo conhecida como "a toca do Rangel".

Procurando lembrar-se de como surgira a denominação de "Minarete", para o chalezinho, Lobato conta que Ricardo Gonçalves ao entrar lá pela primeira vez, fora à sacada e encantara-se com a vista agreste, o coqueiro ao lado e a paineira à esquerda. E numa das suas habituais expansões teria exclamado: "Mas é uma torre, Rangel! Veja que amplidão de vista se descortina! Uma torre — um minarete! E você é um muezim. . ."

A denominação para o chalé pegou. A vida ali decorria entre piadas e risos, e altos sonhos de glórias literárias. Liam muito. Discutiam tudo. O grupo era ligado por misteriosa afinidade mental, mas Godofredo Rangel lembra que duas supremas autoridades foram logo reconhecidas por todos: uma, toda lírica e sentimental, Ricardo; outra cética e aparentemente de menor comunicabilidade, Lobato. Este pouco falava. Frio, irônico, e ao mesmo tempo cordial, dava de vez em quando alguma de suas risadinhas características, mostrando mais predileção para ouvir do que para falar. Ricardo, pelo contrário, era toda uma explosão de entusiasmo romântico. E malgrado as divergências de temperamento, os dois davam-se magnificamente, unidos pelos laços dos sonhos literários em comum e de mútua admiração.

Até então os componentes do "Cenáculo" e habitantes do "Minarete" pouco haviam divulgado. Com exceção de Ricardo Gonçalves que, repórter de um grande jornal, publicara alguns poemas, os demais nada, ou muito pouco haviam escrito que justificasse qualquer popularidade. A produção de Lobato perdera-se nos jornaizinhos estudantis de Taubaté. Ele data alguns contos incluídos posteriormente em "Cidades Mortas" como sendo de 1900: "Cavalinhos", "Noite de São João" "Café! Café!", mas tais datas não merecem confiança, embora nessa época o estilo que o caracteriza já esteja bem apurado. Rangel depõe, esclarecendo que o Lobato dos vinte anos, companheiro do "Minarete", tinha o espírito formado "tanto quanto o permitiria a experiência dessa idade". Ele possuía então um estilo, no sentido "de que sabia dizer coisas próprias, de um modo próprio e encarar a vida e as coisas de um modo pessoal. Sirvam de exemplo as excelentes crônicas teatrais estampadas em *O Onze de Agosto*. Aliás,

sua entrada para *O Minarete* fôra precedida de um fato que despertara viva curiosidade: todos sabiam que escrevera, por aposta, e em menos de duas semanas, *Os Lambe-feras*, espécie de romance à Brás Cubas, em pequenos capítulos, todos repletos de imaginação e fantasia. 'A nosso pedido, diz Godofredo Rangel, Lobato entregou-nos o manuscrito, mais por prazer do que para esperar elogios. Aquele livro fora uma brincadeira, e Lobato apenas o considerava como tal. Nós o elogiamos e ele riu-se dos elogios, porque ele já era o homem que reagiria às frases convencionais e aos chavões sociais'.

Os originais de *Os Lambe-feras* e inúmeros outros originais dos componentes do *Cenáculo* andavam de mão em mão no "Minarete", lidos e aplaudidos ou vaiados com barulho ensurdecedor pelo grupo, todos "gênios" ainda inéditos, à procura de uma válvula de escape para as suas expansões literárias. Se um grupo tão numeroso se reúne para juntos viverem dias de emoções artísticas, como abafar-lhe as vozes? Mas a eles não interessava a página amorfa ou formal dos jornais bem comportados da Capital. Formalidade e chapa, chavões ou lugares-comuns eram crimes de anátema, "três vezes malditos", na instituição do "Minarete". "Pregar, diz Hilário Tácito, de viva voz do alto das janelas, no fundo do Belenzinho, seria ridículo, além de ser pregar no deserto. Porque a vida das idéias se infunde pela Imprensa. Nem muezins, nem arautos: mas jornal".

Um amigo de Lobato, Benjamim Pinheiro, iria proporcionar a todos eles aquilo com que viviam sonhando. Não a revista acalentada, mas páginas impressas nas quais, todos eles, com absoluta liberdade, pudessem dizer o que bem desejassem. Benjamim formara-se em Direito e fora residir em Pindamonhangaba. Pretendia derrubar a situação dominante, e eleger-se Prefeito, e, para começo de conversa, necessitava urgentemente de um órgão combativo, sem papas na língua. Lobato, que residira com Benjamim numa "república", estava nesse tempo no "Minarete".

— "Pois dê ao jornal o nome de *O Minarete*, sugeri. No primeiro número explicaremos aos povos o que é minarete — aquelas esguias torres das gentes islâmicas, de cujo topo, ao cair da tarde, os muezins convocam os fiéis à prece. Um jornal é um minarete de cujo tipo o jornalista dá milho às galinhas de assinatura e venda avulsa. Fica muito bem esse nome — e é nome que não está estragado".

Benjamim aprovou a idéia e *O Minarete* surgiu, modesta folha de quatro páginas, às vezes seis, e excepcionalmente oito, formato 25 x 35. Seis meses depois passaria a novo formato, 30 x 43. Graças à luta de *O Minarete* Benjamim Pinheiro botou a situação abaixo, subindo à Prefeitura.

O jornalzinho permitiu ao grupo, e particularmente a Monteiro Lobato, grandes proezas. Logo no primeiro número, sob o pseudônimo de Yewsky, Lobato dá início à publicação em folhetins de *Os Lambe-feras*. O jornal era todo ele redigido em São Paulo pelos componentes do Cenáculo. De Pindamonhanga, Benjamim escrevia: "Zé Bento: Preciso de um artigo bastante severo, atacando a Câmara por causa duma racha na parede do teatro. E outro sobre o capim que há nas ruas". Ou então: "Há um chafariz sem água em tal largo. Meta o pau". Ou então ainda: "É preciso pôr culpa na Câmara do preço da carne. Quero um artigo intitulado "Carnes Verdes". Meta o pau na Câmara".

Não só Lobato, mas todos os amigos se divertiam grandemente fazendo de longa distância *O Minarete*. Escreviam para eles mesmos, para brincar uns com os outros. Não ambicionavam aplausos nem davam a mínima atenção ao público. Muitas vezes cabia a Lobato redigi-lo inteirinho: o soneto, os contos, o "humorismo", as "variedades", o rodapé, o artigo de fundo! Até os anúncios. Chegava mesmo a inventá-los quando sobravam pequenos espaços.

Toda essa colaboração forçava-o a grande sortimento de pseudônimos, pois assim daria aos leitores a impressão de que o jornal dispunha de um exército de redatores: Lobatoyewsky, Yewsky, Pascalon, o Engraçado, Rui d'Hã, Hélio Bruma, Enoch Vila-Lobos, Jobém, Mem Bugalho Pataburro, Marinho Dias B. do Pinho, Oswaldo, Rodanto Côr de Rosa, P. N., Yan Sada Yako, Nero de Tal, Gustavo Lannes, Antão de Vasconcelos, Til, Nero de Aguiar, Bertoldo, Marcos Twein, Ed. Schelling, Olga de Lima, Manuel de Sousa, Oscarino, Vieira Lion, e inúmeros outros mais. Aliás, todos os colaboradores de *O Minarete*. seguiam-lhe o exemplo: Bruno de Cádiz era Ricardo Gonçalves; Cândido assinava-se Bompard; Rangel, Bezuquet; Albino, Guy d'Hã. Isso lhes permitia completa liberdade não só quanto aos meios de expressão, mas também às idéias debatidas, aos problemas aventados, às maluquices literárias. Eram inteiramente livres para dizerem os maiores absurdos. O jornalzinho constituía enigma indecifrável para os leitores da pequena cidade do Interior. Não havia nele nada, absolutamente nada, que pudesse interessar um fazendeiro, um negociante, nem mesmo o boticário mexeriqueiro. Era uma literatura cujo tema constante retratava a própria boêmia literária de *O Minarete*. Em *O Minarete*, Godofredo Rangel publicou o seu primeiro conto "Simbólico Vagido". E foi também nele que Ricardo Gonçalves divulgou grande número de sonetos, traduções de Rostand e Lecomte, e uma série de crônicas sob o título de "Álbum do Minarete". O jornalzinho durou cinco anos, e dele diria mais tarde Lobato em carta a Rangel: "O caso do *O Minarete* foi uma sorte grande nossa, Rangel. Não se repete. Não há dois Benjamins no mundo e nunca haverá outro diretor de jornal tão passivo como aquele".

Monteiro Lobato muito pouco aproveitaria dessa colaboração, quando mais tarde, para satisfazer a crescente procura dos seus livros, reuniu diversos volumes de artigos esparsos. Dava pouco apreço não só ao que publicaram em *O Minarete* como também em *O Povo*, de Caçapava, no qual escreveu nesse tempo, e até bem mais tarde, uma infinidade de artigos e crônicas. Quando, anos depois, seu cunhado Heitor de Moraes envia a Valdomiro Silveira grande parte desses trabalhos, escreve-lhe: "Como é que vais enviar aquelas calamidades de *O Minarete* coisas abjuradas, ao Valdomiro Silveira?"

Um exame, agora, de parte dessa produção — a que foi possível salvar — revela, no entanto, não haver razões para que seu autor delas se envergonhasse, Lobato, no tempo de *O Minarete*, já escrevia bem; suas idéias são lúcidas, claras. Pensa e expõe com nitidez. Os contos, por exemplo, possuem todas as virtudes que, acentuadas mais tarde, fariam deles os mais lidos da literatura brasileira. Ao publicar *Cidades Mortas*, separou, como "Literatura do Minarete", os seguintes: "Gens Ennuyeux", "A Cruz de Ouro", "De como quebrei a cabeça à mulher do Melo", "Porque Lopes se casou", "O Júri na Roça" e "O Luzeiro Agrícola". Muitos foram refeitos mais tarde; alguns como "O Júri na Roça", "De como quebrei a cabeça à mulher do Melo" e "O Luzeiro Agrícola", são posteriores, e se Lobato os ligava à literatura do "Minarete", a explicação é fácil; em primeiro lugar, as datas sempre o embaralhavam e o confundiam; em segundo, espirtualmente tais trabalhos ligam-se ou melhor, entrosam-se no tipo de literatura da mocidade. Ao republicá-los em jornais e revistas ou livros, passava-lhes sempre o "pente-fino", corrigindo aqui, podando ali, acrescentando acolá. Só ganharam forma definitiva nos livros, e mesmo assim, a cada nova edição, as alterações não são pequenas. Mas na literatura de *O Minarete*, o conto ocupa lugar secundário. Predomina o articulista, o panfletário, o memorialista, o crítico, e sobretudo, o cronista.

Neste volume apresentamos cerca de quarenta trabalhos, sobre os mais variados assuntos. Percebe-se que Monteiro Lobato ainda se debate à procura de temas: estes não são impostos, não surgem de necessidades prementes. Cabia-lhe encher as páginas de *O Minarete* e atender aos pedidos do seu amigo Pereira de Matos, que mantinha em Caçapava *O Povo*, jornal para o qual desenhara o cabeçalho. Tudo servia, portanto, como motivo. Nada assina com o próprio nome, e vai, no mesmo número do jornal, do artigo de fundo, grave, sisudo, às leves divagações puramente literárias, filosóficas ou às críticas sérias, seja sobre o último *vient de paraître*, seja sobre a nova moda feminina. O melhor, está, sem dúvida, nas crônicas e nos artigos de crítica, sem falarmos, é claro, daquelas páginas de puras recordações, em que o memorialista, apesar do verdor da idade, se compraz em reconstituir o passado recente. Para a crônica, Lobato possuía a vivacidade necessária. Tanto o assunto grave como o frívolo, a livre fantasia

como a notação ao fato do dia, são abordados com aquela agilidade e graça sem a qual o gênero cai na sensaboria. Sirva de exemplo o que escreve sobre a dança então na moda — o *cake-walk*. Se o cronista sabe sempre ser agradável e pitoresco, o articulista político, preocupado com os melhoramentos do município não lhe fica atrás: seus argumentos e considerandos são apresentados com a galhardia de veterano jornalista. Não o aproveitamos nesta colheita, preferindo ceder lugar ao crítico, ponderado e cheio de idéias inovadoras, sabendo analisar uma obra, penetrar-lhe o sentido profundo e dela extrair motivos para julgamentos e afirmações literárias ou sociológicas, quase sempre bem alicerçadas, quase sempre transpirando inegável vocação crítica.

Este volume, ora incorporado às suas "Obras Completas" mostra que não havia do que Monteiro Lobato envergonhar-se, ao recordar a literatura publicada na mocidade, em *O Minarete*, em *O Povo* e demais jornaizinhos em que tão abundantemente colaborou quando estudante de Direito. Ao contrário: o que se pode concluir é conterem tais escritos as principais qualidades que irão, depuradas, caracterizar-lhe a prosa e o espírito. Se este ainda carece de maior maturidade, a linguagem com que se exprime já é pessoal, já traz a sua "marca". Pouco imaginativo, vai melhor no traço caricatural, nas anotações irônicas ou maliciosas. Veja-se, por exemplo, "O Charuto", "Tão Ingênuo" ou "Como se escreve um conto". O tempo pouco mudará a feição do seu espírito. Aos vinte e poucos anos de idade, Monteiro Lobato dá, ao que escreve, um cunho particular. Já se destaca do grupo; não se parece nada com os outros, amigos ou inimigos. Neste particular, a coleção de *O Minarete* é preciosa, pois colaboravam juntos Ricardo, Rangel, Cândido, Albino, Nogueira, Tito, Lino e outros, e é fácil notar a superioridade de Lobato. Em tom de brincadeira, os companheiros referiam-se a ele como o *magister*, mas Godofredo Rangel confessaria mais tarde que a troça não era sincera, uma vez que todos, a *una voce* reconheciam-no como o maior, aquele realmente marcado para subir mais alto do que todos os outros.

